

# Marcelino dos Santos: do Clube dos Marítimos no Cais do Sodré à fundação da Frelimo, em Dar-es-Salaam



*É um compêndio de História em que a História se confunde com o compêndio. Chamava-se Marcelino dos Santos, que foi para Lisboa a fim de se licenciar em Electrotecnia e acabou por ser um dos principais impulsionadores da independência de Moçambique, a que dedicou uma boa parte da sua vida. Com entusiasmo, sem nunca olhar para trás.*

*Conhecer o seu percurso é ler páginas densas do livro da libertação.*

Os primeiros companheiros de luta

Not: — Quando lhe surgiu a ideia da independência?

M.S. — Não é fácil datar, nem acredito que haja uma data precisa. Não há dúvida nenhuma que a ideia da independência nasceu, para muitos de nós, já em Lisboa. Entre 1947, data em que cheguei, e 1951, data em que saí.

Not: — Foi para Lisboa estudar na universidade?

M.S. — Saí daqui com a Escola Industrial. O caminho a seguir era entrar no Instituto Industrial, que só havia em Lisboa, fazer os dois primeiros anos e candidatar-me, mediante exame de admissão, ao Instituto Superior Técnico. Foi o que aconteceu, com a intenção de fazer Electrotecnia. Tinha exactamente 18 anos, quando saí daqui.

Not: — Uma vez em Lisboa, encontra-se com quem?

M.S. — Com Amílcar Cabral e Agostinho Neto. Mário de Andrade chega um pouco depois. Encontrei-me lá com todos esses grandes nomes, como também Lúcio Lara, e muitos outros que seguiram trajectórias diferentes destes companheiros, e que não foram directamente

para a luta de libertação nacional e que voltaram para os seus países.

Not: — De Moçambique era o único nessa altura?

M.S. — Não. Estava lá, por exemplo, o Dr. Fernando Vaz. Só que, quando eu cheguei a Portugal havia só um preto, que era o João Dias, que estava em Coimbra. O autor do "Godido".

Os outros eram brancos e de origem goesa. Portanto, havia um preto, em Coimbra, e um mulato, em Lisboa, que era eu. Mais tarde começaram a chegar alguns, mas muito poucos. Só muito mais tarde é que chegaram os Mocumbis e Chissanos.

## A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Not: — Nessa altura já se reuniam na Casa dos Estudantes do Império?

M.S. — Quando eu cheguei já havia a Casa dos Estudantes do Império, que era um lugar em que todos nós nos encontrávamos. Era realmente um centro com todas as capacidades e todas as qualidades para nos receber, a nós vindos dos diversos países de África, e permitir que não sofréssemos daquelas situações um pouco frustrantes, de desajustes, que ficam desajus-

parados como acontece, agora, com os moçambicanos, que chegam a Portugal e ficam desamparados. Não há nenhum lugar onde eles se possam congregarem. Além disso, eu tinha lá um primo e havia um companheiro, Luís Henriques da Cunha Mota do Amaral, que, aliás, era o irmão mais velho do jurista, Aires do Amaral e do José Rui do Amaral, que é nosso embaixador na Rússia. O pai dele estava, na altura, em Cabo Verde. É um caso bastante interessante. Não recordo bem se ele era de origem são-tomense ou cabo-verdeana. Era um negro, esbelto, um pouco amestigado, oficial da Fazenda, em Nampula. Chamava-se José Cactano do Amaral. Está a ver o nome? Dizendo esse nome num sítio qualquer, toda a gente pensa que no fim vem um branco. Ele era 2º oficial da Fazenda em Nampula e fez concurso para 1º, em Lourenço Marques, onde é colocado. Passou com distinção, para além de ser um homem belo e realmente distinto.

Quando chega a Lourenço Marques os portugueses ficavam espantados, porque nos documentos nunca tinha vindo uma única fotografia. Recusaram terminantemente que ele trabalhasse aqui. Encontraram um caminho qualquer na lei e foi recambiado para Cabo Verde, o que lhe trouxe graves problemas, porque o salário dele, em Cabo Verde, permitia que uma pessoa resolvesse o seu dia-dia, mas não lhe permitia custear as despesas de um filho a estudar em Lisboa, ao passo que o salário de um primeiro oficial em Moçambique era mesmo de gente grande.

## BRANCOS E NÃO BRANCOS

Not: — A Casa dos Estudantes do Império era apenas centro de convívio ou tinha também alojamento?

M.S. — Não. Não havia

alojamento, mas nós tomávamos lá as nossas refeições. Foi um centro social, um centro de convívio, um lugar onde fazíamos festas, bailes e um lugar extraordinariamente político. Naturalmente que quando eu saí de Moçambique, em 1947, também já havia efervescência. Recordo-me que nós na altura formávamos grupos à base de raça: mais exactamente, de um lado brancos, do outro não brancos. Muitas vezes houve macas entre nós e, como era costume na época, resolviam-se à pancada. Recordo-me, muito bem, de um companheiro que agora está em Portugal: vínhamos a conversar pela "24 de Julho" e ele disse: "nós não temos nada a ver com esses portugueses". Eu fiz que um pouco assim... porque esse tipo de conversa na altura não tínhamos com os não brancos. Os brancos, que andavam conosco, eram o João Mendes...

Posso recordar, também, um grupo de companheiros que foram acusados de serem comunistas e foram presos, como a Dr.ª Pomba Guerra, o Sobral de Campos, o Carlos Beirão e o João Mendes, como já disse. Era um grupo de cinco. Os juizes aqui disseram que não podiam passar mandato de captura contra eles e que, se fossem a julgamento, seriam livres, porque não tinham cometido crime. Mas o governador recambiou-os para Lisboa, para serem julgados. Foram absolvidos. O João Mendes era nosso companheiro. Quando ele chega a Lisboa já lá estava o Corina (Mário Wilson) que chegou depois de mim e jogou no Sporting. O facto é que nós todos nos inscrevemos para depor a favor do João Mendes. Havia mais de 350 pessoas para depor em favor do João Mendes. Os tribunais disseram que não valia a pena, que já era gente a mais.

Foram absolvidos, mas o governador recusou que eles vi-

essem para aqui. Então dispersaram-se. A Dr.ª Pomba Guerra vai para a Guiné-Bissau. João Mendes vai para Angola. Voltei, depois, a encontrá-lo, em 1960, em Paris. Porque ele tinha fugido de Angola. Nunca parou de lutar.

Noémia de Sousa e Craveirinha foram altamente perseguidos pela PIDE. A atmosfera social para Noémia de Sousa tornou-se tão difícil que as pessoas tinham medo de falar com ela, como se ela tivesse lepra. Teve de sair e vai para Portugal.

## SAIR DE PORTUGAL!

Not: — Caminham rapidamente para uma organização formal?

M.S. — Por volta de 1950, nós decidimos, aqueles que estávamos em Lisboa, havia outros companheiros que estavam noutras cidades, como Diógenes Boavida e o Dr. Eduardo dos Santos do MPLA, que jogavam na Académica, que quem tivesse possibilidades deveria sair de Portugal. Por que Portugal era um país fascista e era preciso ir para outros lugares mais abertos, para recuperar maior amplitude de acção.

Not: — E esta decisão é tomada por quem?

M.S. — Por nós, por aqueles estudantes que já haviam assumido a africanidade, por conseguinte, os essencialmente não brancos.

## O CLUBE DOS MARÍTIMOS

Not: — Ainda sem uma organização formal?

M.S. — Sim. Simplesmente para fazer barulho. Mas em todos nós já havia a consciência de que era necessário ir para a independência nacional. Já nessa altura se desenvolveu, em Lisboa, um movimento que levou à formação de um clube marítimo, marinheiros que fazem as viagens nos barcos, que vão e vêm, vão e vêm. O objectivo era encontrar uma via de comunicação segura entre Lisboa, Angola, Lisboa e Lourenço Marques, S. Tomé, Cabo Verde e vice-versa. Era preciso desenvolver essa comunicação para uma constante informação. E foi necessário engajar os estudantes no Clube dos Marítimos. Quer dizer: — era preciso que os estudantes se ligassem intimamente com os marinheiros, marinheiros que, naturalmente, não vinham para a grande cidade. Ficavam-se pelos bares do Cais do Sodré, onde se bebia vinho, ninguém bebia wisque bares muito frequentados por prostitutas. Mas era preciso que os estudantes fossem para lá e consciencializassem os marinheiros. Houve muitos estudantes que aderiram, mas houve muitos que recusaram: "mas como eu, um estudante, universitário, meter-me com a ralé do Cais do Sodré?" Foi um trabalho de consciencialização política, para os levar até lá. O Presidente Neto aprendeu a beber vinho tinto no Cais do Sodré. Eu fui para lá várias vezes com ele, sentar-me naqueles bancos à volta do balcão. Isso mostra bem as qualidades de um militante como Agostinho Neto. Ia ao Cais

do Sodré por causa dos interesses da pátria. Eu era mais miúdo, primeiro em idade, depois em conhecimentos. Os Laras, os Netos, Os Mários de Andrade, mas eu ia com eles.

Era para dar uma formação política aos marinheiros para que eles fossem capazes de fazer o trabalho que nós desejaríamos que eles fizessem. E conseguimos. Houve até um camarada de Angola, Van Dunen, que fazia trabalho político de alta qualidade. Está lá, em Lisboa.

Mas havia a decisão de quem tivesse possibilidades, saísse para fora para fazer agitação e informação contra o colonialismo português. Nessa altura, o mais importante era a informação e a denúncia do colonialismo.

## O COMPORTAMENTO DA PIDE

Not: — E a PIDE, como é que se comportava?

M.S. — A PIDE estava lá. Tinha-se apercebido e bem. Fazia o seu trabalho, mas nós também fazíamos o nosso com medidas de segurança.

Nós tínhamos, em Lisboa, a Casa dos Estudantes do Império, que era para todos os estudantes e a Casa de África, que na prática, era para os não brancos e depois havia o MUD juvenil: Movimento para a Unidade Democrática da Juventude, em que eu participei.

Not: — Estava ligado ao Partido Comunista?

M.S. — Havia aquele movimento de unidade democrática geral que tinha sido, naturalmente, uma construção do Partido Comunista. O MUD juvenil era a sua parte democrática. Grandes figuras fizeram parte do MUD, como Maria Lamas. O trabalho era essencialmente clandestino.

Recordo-me que participei em células do MUD juvenil, onde havia companheiros que trabalhavam no aeroporto, portugueses brancos.

Em 1950, o Presidente Neto é preso. O Mário de Andrade é preso, eu próprio. Conosco foram presos os dois companheiros brancos, operários no aeroporto, mecânicos, penso. Fomos presos porque era 11 de Novembro de 1950 e resolvemos ir colocar flores no monumento ao armistício. A PIDE organizou-se e colocou-se à entrada das ruas que davam para ali. Nós levávamos flores de uma maneira muito ingénua, mas deliberada. Apanharam-nos e levaram-nos para a esquadra da Praça da Alegria. Quando cheguei lá, vi o Mário de Andrade. Fomos levados para Caxias, nem sabíamos que era Caxias, e ficámos em quartos diferentes. Somos interrogados e, à medida que éramos interrogados, éramos libertos. Nenhum de nós foi fisicamente maltratado. A mim perguntaram: "que diriam os seus pais se soubessem que você estudante, elite da nação, em vez de estudar, anda para aí a colar papéis nas paredes?" Nós, embora pretos, não fomos fisicamente maltratados. Mas aqueles dois portugueses brancos foram batidos. Interpretámos como um alto sentido de classe por parte da PIDE. Não



va a mandar-lhe a mesada?

M.S. — Continuava. Naquela altura nós não tínhamos direito a bolsa de estudo que nem havia em Moçambique, ao contrário do que acontecia com Angola.

Lá vou para a China, onde fico 56 dias. Faço voo de avião até Moscovo e de Moscovo para a China, nove dias e meio de comboio. Viajei com um camarada do Brasil e com um camarada da Venezuela. Depois ficamos juntos em Paris no Instituto de Ciências Políticas. Depois da reunião do Conselho, os chineses ofereceram uma semana a quem quisesse ficar e que também poderíamos ficar até ao 1º de Outubro, aniversário da Revolução, Dia Nacional da China. Eu, com o brasileiro e o venezuelano estendemos ao máximo a nossa estada: primeiro porque era bonito estar na China, onde aprendíamos muito, mas também porque economizávamos dinheiro em Paris. Eram duas mesadas que a gente não gastava. Lá ficamos. Mas não há dúvida nenhuma que o fundamental do socialismo foi nessa viagem que eu o aprendi. Os chineses levaram-nos a visitar tudo: fábricas, organizações de juventude, creches, cooperativas, sindicatos, centros de produção, empresas estatais, mistas, transportes, escolas primárias, secundárias, universidades. Levaram-nos a ver aquilo que chamam de Palácio dos Pioneiros. Ensinam-nos como se organiza uma cooperativa, etc.

Quando chegámos ao fim, o camarada venezuelano, Manuel Caballero disse: "mas afinal de contas nós estivemos aqui numa maravilhosa escola."

Foi o primeiro e grande banho de socialismo. Fundamental. Posteriormente a outra gran-

de escola de socialismo foi o trabalho feito nas zonas libertadas.

Not. — Mas, muito mais tarde.

M.S. — Muito mais tarde. Depois fui participando em cursos políticos, em França, organizados pelo Partido Comunista Francês que tinha escolas, por exemplo, a Escola dos Operários, que não importa quem, com universidade ou com zero classes podia frequentar. O que íamos lá buscar eram coisas que a universidade não ensinava e creio que nem agora ensina.

É preciso dizer que naquela altura em França era grande momento de efervescência intelectual, política e científica. Havia palestras sobre muita coisa, energia nuclear, literatura, filosofia, grandes professores que davam conferências e nós íamos assistir. O Prof. Henri Lefevre, de quem o prof. Aquino de Bragança foi grande amigo pessoal. Grandes simulações. Tudo isto fazia parte daquele quadro de fontes que o estudante recebia, enquanto estudava na universidade, mas para além da universidade.

Há um aspecto que é necessário frisar para se compreender muita coisa. O Presidente Neto, Guilherme do Espírito Santo e eu fomos de Paris para Bucareste, juntos, de avião. Vasco Cabral e João Cabral chegam por outros caminhos, já não me recordo bem, mas chegam lá.

Quando aterrámos em Bucareste ouvimos muita música muita gente com flores. Nós olhámos pela janela, estávamos um pouco intimidados, não esquecer que era a primeira vez que íamos para um Estado socialista e antes disso só tínhamos vindo de Portugal para França. Muita gente no aeroporto, música,

ca, flores, e dissemos: vamos deixar sair todos os passageiros. Toda a gente desceu do avião e pá, continuavam as flores, a música, as pessoas e nós resolvemos também descer. Tudo aquilo era para nós! Agora você imagine: uns pretos a serem recebidos pelos brancos com música, flores, cantos e crianças! É preciso pôr-se na nossa pele para imaginar o choque que nos apanhou. Isso tinha que nos marcar. Era um mundo completamente diferente. Ali mesmo sentimos uma demarcação clara, bem nítida, entre o capitalismo e o socialismo.

Depois, em 55, em Varsóvia, já participa Mário de Andrade e outros companheiros de Angola e Noémia de Sousa, de Moçambique e, a seguir, participamos no Festival Mundial de Estudantes, em Moscovo, em 57, onde encontramos, também o cineasta Fonseca e Costa e a irmã, Ana Maria. Em Lisboa continua o trabalho na Casa dos Estudantes do Império e na Casa de África e as macas com o Governo português e a PIDE. Formámos em 57 o MAC (Movimento Anticolonialista). Nessa altura já havia o MPLA e o PAIGC, mas não se tinham ainda apresentado como tal.

O MAC assenta em indivíduos, mas também nunca teve grande efectividade. Embora haja alguns documentos, nunca teve efectividade.

#### A FUNDAÇÃO DA FRAIM

Só aparece como organização, de facto, em 60, quando se forma a Frente Revolucionária Africana para a Independência das Colónias Portuguesas (FRAIM), que foi criada numa reunião, na Tunísia, onde apareceu o Holden Roberto e também o MPLA.

Foi uma frente formada, por um lado, para ver se se absorvia a FNLA e por outro para mostrar à FNLA, fossem quais fossem as suas reacções, que estava perante uma força muito mais vasta. Se não me engano esteve lá o camarada Lúcio Lara e Viriato da Cruz.

A FRAIM já se afirma como constituída pelo MPLA, PAIGC, e indivíduos de Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé.

Em 1961, com os partidos poéticos, só Angola e Guiné-Bissau se apresentavam como tal. Naturalmente que não se consegue a unidade com a FNLA (não se podia conseguir obviamente, sendo instrumento dos americanos).

Em 59 o Governo francês considerou que não devia renovar a minha licença de estada em território francês.

Not. — Por pressões externas, certamente.

M.S. — Por pressões da PIDE. Fiquei com a ideia de que a questão foi resolvida ao nível das polícias e não ao nível do Governo. Digo isso porque me intimam a sair e eu saio em 6 de Janeiro, mas em Agosto entro e em dois segundos me dão o passaporte na fronteira. Vinha até com o Luís de Almeida, de Angola, de carro, com a esposa. O passaporte português dava para três meses. Ora, normalmente, quando alguém é expulso, a matéria é tratada pelos tribunais e todas as fronteiras são informadas, mas não o sendo, não são informadas. Escrevi ao Presidente de Gaulle, ao ministro do Interior da França, mas naturalmente nenhum deles se dignou responder. Os camaradas advogados franceses disseram-me: olha o ministro do Interior tem o direito de fazer o que quiser e não tem que se justificar

perante ninguém. Se você sair por si, você escolhe a fronteira, se não, escolhem-na eles. E certamente que vão escolher Espanha e Espanha manda-o para Portugal.

Então decidi escolher a Bélgica e foi bonito, porque parto a 6 de Janeiro e no dia 15 começava a Table Ronde dos partidos congolezes, Congo Kinshasa, onde estiveram todos os grandes e onde conheci Patrice Lumumba.

Estamos em Janeiro de 60. Fiquei na Bélgica até Maio e, depois, os camaradas mandam-me para Londres onde eu estava, quando houve essa reunião de Túnis. E é nessa reunião de Túnis que eu recebo ordens para ir para Marrocos. O Aquino de Bragança, que tinha vindo em 53, de Grenoble para Paris, com quem tinha ficado junto todo esse tempo, vem para Marrocos em 56, logo a seguir à independência do país e fica lá como professor.

Recebo, então, ordens para ir falar com o Governo de Marrocos, para negociar a possibilidade de uma reunião das organizações das colónias portuguesas. Vou na sequência da reunião de Casablanca, e é aquele grupo africano progressista, que, depois provocou o Grupo de Monróvia, que nós chamávamos de reacionários. E vou para casa do Aquino de Bragança em Cetat, que era o lugar onde eu podia viver sem problemas. Foi por essa altura que fui à Alemanha e passei pela França com o Luís de Almeida.

#### A INTERVENÇÃO DE HASSAN II

Em Marrocos, com os contactos que o Aquino tinha com os políticos e sindicatos, em especial com Ben Barka, que acabou por ser assassinado, nós conseguimos um encontro com

Sua Majestade Mohamed V. Pretendíamos organizar uma reunião das organizações nacionalistas das colónias portuguesas. Mohamed V foi um dos grandes da Casablanca, tanto mais que a reunião se realizou em Marrocos. Tinha sido deportado pelos franceses para Madagáscar e, depois, é trazido para Marrocos, devido à reacção popular. Só que faleceu no dia em que nos devia receber.

Tivemos que esperar o tempo necessário para que as coisas se ajustassem e tivemos encontro com Sua Majestade, Hassan II. Recebeu-nos e Marrocos deu total apoio à reunião (bilhetes de avião, alojamento, comida e transporte e dinheiro para as necessidades todas da conferência, em Casablanca, que se organizou de 14 a 16 de Abril. Ali ficou constituída a CONCP. Estavam MPLA, PAIGC, uma outra organização da Guiné-Bissau, o Comité de Libertação de S. Tomé e Príncipe, com o camarada Trovada, do PAIGC, estava Aristides Pereira. De Moçambique estava a UDENAMO, Guambe, que era o Presidente, e eu próprio, secretário das Relações exteriores, e ainda, três organizações de Goa.

Not. — O Aquino estava numa das de Goa?

M.S. — Sim. Aprova-se o programa e elege-se a direcção: Mário de Andrade como Presidente, e eu como secretário-geral da Organização da Conferência Nacionalista das Colónias Portuguesas. Para a informação, ficou Aquino de Bragança e Amália Fonseca, de Cabo Verde, para a secção Administrativa e Financeira.

Not. — E a FRELIMO?

M.S. — No ano seguinte, em Dar-es-Salaam.

(continua)